

REPERCUSSÕES DA VIOLÊNCIA NO NAMORO NA SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA DE MULHERES JOVENS UNIVERSITÁRIAS*

Tathyana Guedes Barbosa¹, Selma Villas Boas Teixeira²

1. Acadêmica de Enfermagem, Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil.
2. Professora adjunta do Departamento De Enfermagem Materno Infantil, Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil.

Trabalho aos moldes da revista Cuidado é Fundamental - Unirio

[Submissões | Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online \(unirio.br\)](#)

www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/about/submissions

1. REPERCUSSÕES DA VIOLÊNCIA NO NAMORO NA SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA DE MULHERES JOVENS UNIVERSITÁRIAS

2. RESUMO

Objetivos: Identificar as formas de violência de gênero e discutir as repercussões a saúde sexual e reprodutiva de mulheres jovens universitárias que vivenciam a violência no namoro. **Método:** descritivo, exploratório e qualitativo. O cenário foi campus de uma universidade pública no Rio de Janeiro, com mulheres universitárias entre 19 e 24 anos. Entrevista individual, com roteiro semiestruturado e analisada pela técnica de Bardin. Dados foram coletados em 2019. **Resultados:** participaram 50 jovens e 40 delas afirmaram ter vivenciado a violência por parceiro Íntimo. A maioria vivenciou a violência psicológica, seguida da moral, física, sexual e patrimonial. As repercussões à saúde sexual foram alterações no ciclo menstrual, dispaureunia e a perda de libido; e a reprodutiva, pelo planejamento impositivo do parceiro, como o uso de substâncias abortivas e o não uso do preservativo. **Conclusão:** as repercussões de violência à saúde foram contundentes. Fato ser imprescindível a discussão dessa temática nas universidades.

DESCRITORES: Violência por Parceiro Íntimo; Universidade; Estudantes; Adulto Jovem; Saúde da Mulher.

KEYWORDS: Intimate Partner Violence; Universities, Students; Young Adults; Women's Health.

3. INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde¹, estima-se que cerca de 35% das mulheres no mundo experimentaram algum tipo de violência física e/ou sexual perpetrada por parceiro íntimo ou por outros não-parceiros. Muitas delas, após esses abusos, enfrentam inúmeros problemas de saúde, como a depressão; e se tornam mais susceptíveis a adquirirem o vírus da imunodeficiência humana (HIV)¹. Na gravidez, elas se tornam mais propensas a abortos e a terem bebês com baixo peso ao nascer¹. Aliado a isso, mundialmente, outro dado alarmante, são os 38% que morrem pela violência praticada por seus parceiros¹.

Tendo essa problemática em pauta, é importante ressaltar que a violência por parceiro íntimo (VPI) é caracterizada por qualquer forma de violência, conforme a Lei Maria da Penha² sendo elas a física, sexual, patrimonial, moral e psicológica; ocorrida durante ou após o relacionamento³.

Embora a VPI possa ser bidirecional, ou seja, os atos podem ser de origem feminina, masculina ou de ambos; não necessariamente, a violência é simétrica. Esta proposição perpassa pelo conceito de gênero normativo e nas relações de papel desempenhados por cada um em uma sociedade conservadora, originando-se assim a assimetria de poderes observados na dominação e submissão dos indivíduos⁴.

*artigo proveniente de trabalho de conclusão de curso

O gênero pode ser entendido, de acordo com a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher⁵, como uma construção feita pela sociedade ao longo dos anos, que são representadas por meio de símbolos, instituições e normas, que irão ditar o que é masculinidade e feminilidade, e o que é ou não aceito para cada um deles.

De acordo com Souza, Pascoaleto e Mendonça⁶ uma pesquisa feita com jovens de ambos os sexos, demonstrou que as convicções patriarcais se fazem presentes com imaginário popular de amor romântico, e que a prevalência desses conceitos tão defasados permite a naturalização da violência nas relações, tendo como um exemplo a normalização do sentimento de posse exacerbado de outros, bem como comportamentos agressivos subsequentes.

Dessa forma, o namoro é uma tipologia que ultrapassa o “ficar”, expressão comum nos enlaces juvenis que implica em um não comprometimento do casal a longo prazo. O namorar, no entanto, requer uma vinculação mais profunda de ambas as partes, marcando-se pela apresentação do indivíduo à família e sua participação nesse âmbito, sem a coabitação dos mesmos⁷.

Neste íterim, pode-se asseverar que uma relação violenta há de se começar na tipologia de relacionamento reconhecida como namoro, uma vez que, esse é a fase mais inicial de uma ligação entre indivíduos. Nessa etapa, podemos afirmar que a sua causa pode ser multicausal, uma vez que há fatores de risco culturais, familiares e pessoais que sustentam essa relação⁸.

Com fulcro na Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)⁹, a forma violenta de se relacionar causa diversas repercussões negativas à saúde mental, física, sexual, reprodutiva das jovens. Na saúde física podem surgir: dores de cabeça, nas costas, abdominal, problemas gastrointestinais, bem como, a limitação da mobilidade.

No que tange a saúde mental, são frequentes a depressão, transtorno de ansiedade, abuso de substâncias, comportamentos antissociais e suicídios¹⁰. Além desse cenário, Oliveira *et al.*¹¹ cita que esse estresse físico e emocional vivenciado por elas, pode influir na via acadêmica bem como, na vida social, muitas vezes pelo medo da mulher de se relacionar novamente.

Esse cenário, pode repercutir negativamente na saúde sexual levando infecções sexualmente transmissíveis - ISTs, incluindo o HIV e problemas de fundo ginecológico; e na saúde reprodutiva ocasionando gestações indesejadas e abortos induzidos⁹.

Nesse contexto, os objetivos que se esperam cumprir com a presente pesquisa são: identificar as formas de violência de gênero perpetrada por parceiro íntimo no

*artigo proveniente de trabalho de conclusão de curso

namoro vivenciadas pelas jovens universitárias; e discutir as repercussões para a saúde sexual e reprodutiva de mulheres jovens universitárias que vivenciam a violência no namoro.

Com isso, o presente estudo **se justifica** pela revisão bibliográfica realizada nas bases de dados National Library of Medicine National Institutes of Health (PubMed) e Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) durante o período de fevereiro a março de 2021.

Destaca-se, ainda, que nenhum dos estudos avaliados na revisão contemplavam questão norte em sua totalidade, tendo foco voltado para a violência por parceiro íntimo na escola, e sem abranger a problemática da repercussão a saúde sexual e reprodutiva dessas mulheres.

Vale ressaltar, que todos os estudos selecionados possuem origem em outros países, que não o Brasil. A inobservância de literatura sobre a temática corrobora com narrativa das autoras Andrade e Lima¹⁰ de que a produção de estudos acerca do tema é ínfima, principalmente, se comparado a sua relevância para a saúde pública e segurança no contexto atual, e que tem por desdobramento consequências danosas e variadas no desenvolvimento pessoal no período de passagem da puberdade a vida adulta.

4.METODOLOGIA

Com a intenção de aprofundar conhecimentos acerca deste objeto de estudo, o tipo de estudo foi descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa. O cenário do estudo foi uma universidade pública federal localizada no município do Rio de Janeiro.

Desta forma o estudo visou atingir a todas as jovens universitárias que já estiveram estado em uma relação do tipo namoro em todos os 26 cursos ofertados.

Os participantes da pesquisa foram mulheres jovens entre 19 e 24 anos de idade no requerido cenário, que estejam inseridas nos critérios de inclusão.

Os critérios de inclusão foram mulheres que estavam ou já tinham tido algum relacionamento com homens ou mulheres, por no mínimo seis meses, estavam matriculadas nesta instituição, em condição de participar físicas e psicológicas para participarem voluntariamente da pesquisa. Como critérios de exclusão foram as mulheres não brasileiras, casadas ou que coabitavam com o (a) parceiro (a).

A coleta de dados aconteceu entre os meses de maio a outubro de 2019 e a captação das participantes foi realizada por meio de uma abordagem com as discentes do sexo feminino transeuntes no Campus. Alguns questionamentos foram feitos às jovens sobre a vivência de relacionamento de namoro anterior ou atual, a idade e

sobre ser estudante dessa universidade, com o propósito de atender aos critérios de inclusão.

A técnica de coleta de dados foi um roteiro de entrevista semiestruturada, constituído de duas partes, que se constituíam de perguntas abertas e fechadas. Na primeira etapa, foram abordadas questões relativas as características socioeconômicas e vida sexual e reprodutivas. Na segunda parte constaram de questões abertas que se referiam as informações subjetivas sobre a vivência de violência no namoro. A terceira seção, se destinou apenas às jovens que foi identificado a vivência de violência. Em sua quarta etapa, o instrumento questionava os conhecimentos das participantes sobre as formas de violência existentes.

Com o propósito de garantir o anonimato das participantes, foram adotados códigos de identificação nas entrevistas (E1,...E50).

O tratamento de dados foi realizado através da técnica de análise de dados, que é um dos principais métodos de análise de conteúdo em estudos qualitativos, que se utilizam dos dados obtidos, através de entrevistas, de discursos, que quando transcritos e organizados formam categorias analíticas. Esses textos foram analisados para que pudessem ser separados em agrupamentos, que são construídos de acordo com as características essenciais de cada narrativa. Sendo assim, a análise temática, permitiu discorrer e quantificar um ou vários temas, compostos por palavras ou frases, que representam as unidades temáticas¹². A partir deste processo de análise foi identificado um eixo temático, no qual foram selecionadas 46 unidades temáticas que correspondem ao eixo temático - REPERCUSSÕES à saúde.

Este trabalho é parte integrante da pesquisa “Violência no namoro: repercussões na saúde de mulheres jovens universitárias” que foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO em junho de 2018 com CAAE:89333918.0.0000.5285, número do Parecer: 2.708.911.

5.RESULTADOS

Participaram da pesquisa 50 mulheres jovens universitárias. Desse montante, somente dez 10 (20%) jovens referenciaram não vivenciar VPI em nenhum de seus relacionamentos do tipo namoro.

Das 40 (80%) restantes, uma (2,5%) delas relatou ter experimentado a violência de forma bidirecional, ou seja, ter vivenciado e perpetrado violência contra o parceiro. As demais jovens participantes, 39 (97,5%), vivenciaram alguma forma de VPI de ex-parceiros.

*artigo proveniente de trabalho de conclusão de curso

Do total, apenas nove (22,5%) identificaram no momento da entrevista que já haviam vivenciado um relacionamento abusivo. Essas participantes, já não permaneciam na relação violenta, estando sozinhas ou em outros relacionamentos. Ao que permeia o número de namoros ao decorrer da vida, as respostas variavam entre um a cinco.

Durante as entrevistas com as jovens que vivenciaram VPI, quanto aos cursos de graduação pesquisados a maioria, 16 (40%), estava matriculada no curso de Enfermagem, seis (15%) em Nutrição, cinco (12,5%) em Museologia, quatro (10%) em História, três (7,5%) em Pedagogia, duas (5%) em Medicina e uma (2,5%) em cada respectivo curso: Biblioteconomia, Biologia, Biomedicina e Ciências Sociais.

Vivências das formas de violência de gênero

Considerando as formas de VPI vivenciadas pelas entrevistadas e abarcadas pela Lei Maria da Penha², a maioria, 33 (82,5%), apontou que a violência psicológica foi a mais comum nos relacionamentos, seguida de 29 (72,5%) casos, de violência moral. A violência sexual se fez presente na vida de 17 (42,5%) entrevistadas. As agressões físicas também foram citadas por 35 (35%) entrevistadas, como também a violência patrimonial esteve presente na fala de uma (2,5%) entrevistada.

Considerando as formas de VPI vivenciadas pelas jovens, a maior parte das entrevistadas, 33 (82,5%), apontou que a violência psicológica foi a mais comum nos relacionamentos, de acordo com os relatos:

“(...) ele falava sempre que ele podia ter alguém melhor que eu, que os amigos falavam que ele podia arranjar alguém melhor que eu (...) e tinha outra menina que dava em cima dele, foi horrível ...”. (E26).

Com 29 (72,5%) casos, a violência moral foi a segunda forma mais perpetrada pelos parceiros durante os relacionamentos, podendo ainda se estender após o término, segundo os relatos:

“Ah, várias vezes já... depois que eu terminei com ele no caso. Me chamou de piranha, vagabunda, essas coisas...”. (E38).

Podemos observar que a violência sexual também se fez presente nos relacionamentos 17 (42,5%) jovens, conforme o que foi relatado a seguir:

“Na época eu lembro que eu fui dormir na casa dele, (...) e eu dormindo, acordei com ele tentando, enfim, foi muito tenso, e na época eu fiquei muito assim, tensa, e eu tentei reclamar “que que você tá fazendo? ”, e ele meio que virou o jogo, fez com que parecesse que eu estava exagerando, fez parecer que

*artigo proveniente de trabalho de conclusão de curso

aquilo fosse uma coisa muito normal, que eu tava na casa dele...”. (E9).

A fala a seguir, revela o descuido do parceiro em não utilizar o preservativo, o que pode ser considerado também uma violência sexual.

“Com esse terceiro, que foi a terceira pessoa que eu transei, que falava assim: “ah, já era”, e ele não colocava o preservativo. Uma vez que eu lembrei à ele assim, porque eu já tinha começado, ele falou ‘ah não, agora já foi’, ...”. (E14).

A importunação sexual também foi referida por quatro (10%) das participantes, sendo configuradas como atos forçosos e libidinosos pelo parceiro com intuito de satisfazer-se¹³.

“(...) no iniciozinho do namoro, eu era bem novinha, ele queria encostar no meu peito, e eu não queria, mas ele forçou um pouco a barra, e aí eu liberei, mas eu não tava com vontade, mas não foi nada muito agressivo, assim, foi mais ele foi forçando e eu fui falando: “não, não, não”, aí ele fez. Aí, eu fui e falei ‘vai e faz’”. (E1).

“Na época ele meio que me forçava a mandar ‘nudes’ e fazer coisas que eu não queria fazer, sexuais...”. (E47).

O estupro foi detectado em 14 (35%) dos relatos, sem que na maioria dos casos fossem reconhecidos por essas jovens.

“(...) ele também me obrigou a ter relação com ele mesmo eu não querendo porque eu tava doente na época e não tinha como lutar contra no caso”. (E38).

“Ele ficou com raiva de mim, depois de uma briga que tivemos e quando nós fomos fazer anal, ele sabia que me machucava, que eu estava com dor. Só que fez forte mesmo assim, e disse que era pra eu lembrar que ele era a única pessoa que ia fazer eu sentir dor e gostar de sentir essa dor[...]”. (E40).

Essas falas expressam que mesmo que não houvesse desejo de manter relações sexuais, elas foram subjugadas pelos parceiros. Este fato levou aos coitos dolorosos subsequentes, não consentidos. Estas ações reforçam o sentimento masculino de dominação da mulher.

Também foi possível identificar, através da coleta de dados, o aumento de episódios de violência sexual quando as mulheres faziam uso de álcool e/ou drogas ilícitas.

“Ele aproveitou que a gente tinha bebido bastante. Eu estava bem bêbada e eu tava apagada e com muito sono, e depois que eu dormi, ele aproveitou pra fazer sexo forçado comigo”. (E13).

*artigo proveniente de trabalho de conclusão de curso

Quanto às agressões físicas, 14 (35%) entrevistadas afirmaram que haviam vivenciado por mais de uma vez, conforme as seguintes falas:

“Ah, um dia ele deu uma crise de ciúme com um amigo meu que eu tinha, aí ele bateu a minha cabeça na parede e me enforcou”. (E21).

“Grosseria ao extremo, já ganhei uns beliscões. Já, já. Uns puxões...”. (E39).

A violência patrimonial esteve presente na fala de três (7,5%) das entrevistadas:

“Ele quebrou meu celular. Quando ele quebrou o dele eu dei o IPOD e nunca me devolveu”. (E7).

“Quando o celular dele parou eu emprestei o meu pra ele e ele não me devolveia. Demorou 5 meses, depois de muita insistência e sem funcionar. Eu já tava até desistindo”. (E2).

Houve também, sobreposição de violência encontradas nas falas das jovens. Quanto a sobreposição da violência sexual com a psicológica, foi reconhecida em sete (17,5%) diferentes falas.

“As tentativas de penetração eram sempre motivo de muita tensão pra mim, porque quanto mais ele insistia mais tensa eu ficava, porque vinha uma cobrança muito grande da parte dele e as vezes ele brigava. As vezes ele chorava dizendo que eu não gostava dele de verdade. Falava que ele tava perdendo os melhores anos da vida dele comigo. Ele dizia que podia estar transando muito e não podia, porque ele estava comigo ”. (E10).

A violência de gênero e as repercussões na saúde sexual e reprodutiva.

Quanto as repercussões da violência na saúde reprodutiva, os resultados apontaram que uma das entrevistadas teve uma suspeita de gravidez e que diante dessa dúvida, o parceiro a coagiu a ingerir substâncias abortivas, pois não tinha desejo de assumir a gestação, conforme relato a seguir:

“(...) eu achei que estava grávida, aí eu senti uma violência por parte dele, porque ele era todo bonzinho e ele falou pra mim ‘eu vou comprar um remédio, e você vai tomar, pra você abortar’, aí eu falei ‘mas eu não quero abortar’, aí ele respondeu que não iria cuidar de criança [...]. Depois eu respondi: “eu não sei onde comprar o remédio, e ele disse que iria comprar e que eu teria que tomar para tirar o bebê”. (E14).

Essa fala revela a ameaça e a coerção à jovem em relação a utilização de um método abortivo, o que também expressa uma forma de violência psicológica. Situação que expõe a vida da mulher.

Uma outra entrevistada relatou que o parceiro se recusou a utilizar o preservativo durante o relacionamento e que já havia comprado a pílula de contracepção de emergência e a forçado a tomar o medicamento, de acordo com a fala abaixo:

“Ele fez sem camisinha e ele ainda gozou dentro, ai ele saiu, foi na farmácia e comprou a pílula [do dia seguinte], eu tomei e ele fez eu prometer que eu nunca mais ia falar sobre isso de novo”. (E21).

Esse relato reforça a coerção do homem para que a mulher utilizasse a medicação para não engravidar. Além, de evidenciar a falta de preocupação com a saúde da namorada.

Quanto ao uso do preservativo durante o ato sexual, apenas duas (5%) jovens relataram apoio e incentivo por parte dos parceiros. Entretanto, duas (5%) sofreram coerção do parceiro para não utilizar a camisinha.

“(...) era na base da ameaça, então ele fazia com que nós não usássemos”. (E8).

“(...) em um outro relacionamento. Ele pressionava muito pra transar e fazer o tempo todo, mas ele dizia que tinha alergia a camisinha e que ficava todo empolado ...”. (E15).

Quanto aos métodos contraceptivos e os direitos reprodutivos das mulheres, quatro (10%) entrevistadas informaram que os parceiros interferiram no método de escolha, como a seguir:

“Meu namorado falava que eu ficava louca com a pílula, que parecia que eu estava sempre na TPM. Por isso eu larguei. Mas eu vou voltar, eu quero voltar”. (E8).

“Meu namorado atual quer que eu engravide. Eu já falei que não dá. Ele já tirou a camisinha. Depois que ele me contou eu fui pra casa e tomei a pílula do dia seguinte [...] eu falei pra botar a camisinha, ele botou e depois tirou”. (E7).

Os relatos revelam a interferência do parceiro no método contraceptivo, do uso do preservativo e ressalta o papel de gênero masculino sobre a gravidez, como forma de evidenciar a sua masculinidade.

No que tange as infecções sexualmente transmissíveis (IST) apenas uma (2,5%) das entrevistadas relatou ter tido HPV e Clamídia, mas fez o tratamento e logrou a cura.

No entanto, uma outra, relata ter realizado tratamento profilático para IST, como o PEP (profilaxia pós-exposição ao HIV), por receio de contrair alguma infecção, pois o parceiro retirou o preservativo durante a relação sexual sem comunicá-la, conforme a fala a seguir:

“(...) eu achei que o ‘idiota’ tinha colocado, e não tinha colocado, isso me deixou um pouco chateada também, aí eu fiquei cheia de medo e agora eu tô tomando até remédio pra evitar doença”. (E14).

Nesse relato, a participante suspeitava que o parceiro tinha alguma IST, deste modo optou por realizar a profilaxia.

As repercussões da VPI na saúde sexual incluem, para quatro (10%) participantes, a perda da libido nas relações sexuais. Elas afirmaram que as relações sexuais se mantinham, apenas para satisfazer os desejos masculinos e para a continuidade do namoro, como nas falas a seguir:

“Eu sentia dor, mas não falava nada porque não queria desagradar, mas é estranho porque estava desagradando a mim. Aí eu fingia que gostava. Eu fazia muito isso pra ele não parar de me ver”. (E6).

“Eu não sentia prazer na relação sexual. Eu fazia, não era forçado. Eu fazia porque queria agradar, porque é uma coisa a dois, mas não era prazeroso pra mim, não era bom pra mim. Na verdade, causava até um pouco de dor”. (E10).

Observou-se que duas (5%) das participantes relataram dispareunia, ou seja, sentia dor a relação sexual, com seu parceiro.

“(...) e o nosso relacionamento foi ficando ruim, se modificando, agressivo e eu acabei desenvolvendo um outro tipo de dor, não era mais a mesma dor era uma contração muscular [vaginal] e eu não conseguia, até hoje eu tenho muitos problemas para transar.... É trava, sabe? é trava muscular, sabe? Até a minha perna trava...”. (E10).

“Eu sentia dor, mas não falava nada porque não queria desagradar, mas é estranho porque estava desagradando a mim. Aí eu fingia que gostava. Eu fazia muito isso pra ele não parar de me ver”. (E6).

Esse relato expressa o sofrimento da jovem no relacionamento conflituoso, fato que foi evidenciado por meio da diminuição da libido, repercutindo em relações sexuais dolorosas.

Do total de entrevistadas, seis (15%) mulheres relataram alteração do ciclo menstrual, conforme relatos a seguir:

“Cada hora [a menstruação] vinha numa época diferente, por causa do nervoso, as vezes ela adiantava, as vezes atrasava, dependia muito...”. (E12).

“Eu fiquei três meses sem menstruar ...”. (E26).

Os relatos de dispareunia, as alterações no ciclo menstrual, a falta de libido, os riscos de exposição de IST e gravidez, por não utilização do preservativo pelo parceiro, evidenciam as repercussões negativas no âmbito da saúde sexual e reprodutiva dessas mulheres.

6. DISCUSSÃO

Os resultados do estudo revelaram que houve dificuldade de reconhecimento da situação de violência de gênero pelas entrevistadas. A maioria (39) das jovens não reconheceram as formas de violência até o momento da entrevista. Essa situação, tão comum, deve-se ao ideal de amor romântico apreendido desde a infância pelas mulheres, justificado pelas questões culturais e de gênero que naturalizam também, comportamentos agressivos e dominantes por parte dos homens, favorecendo a naturalização e invisibilidade do fenômeno¹⁴⁻¹⁵.

Estudos corroboram com nossos resultados, quando afirmam que os estudantes universitários são demograficamente mais suscetíveis a violência no namoro¹⁶⁻¹⁷ Graham *et al.*¹⁶, reforça que esse fato é comum e que pode variar entre 10% a 50% do total de universitários.

Quanto as formas de violência perpetradas às jovens universitárias, a violência psicológica foi referida por trinta e três (33) jovens, ou seja, a maioria das jovens a vivenciaram. Nossos resultados foram corroborados por Graham *et al.*¹⁶ e Kisa e Zeyneloglu¹⁸ quando afirmaram que essa forma de violência pode variar entre 16,1% a 54,9%.

No que tange a violência física, encontramos que quinze (15) jovens vivenciaram essa forma de violência, o que representa 37,5%. Quando comparado a um estudo nos Estados Unidos, que encontraram 20,2%¹⁶ dessa forma de violência, podemos inferir que a nossa taxa está maior, ou seja, a possibilidade de se vivenciar a VPI em universidades brasileiras pode ser maior que em outros países.

Justifica-se essa realidade uma vez que a violência de gênero está pautada em moldes patriarcais estabelecidos por nossos antepassados e que perduram até os dias de hoje. Esses papéis sociais do que é ser homem e do que é ser mulher no Brasil e em outros países latinos, assim como em outros com os mesmos valores culturais, concede ao homem uma posição de dominação e superioridade sobre os outros seres que compõem a sociedade⁴⁻¹⁹.

Quanto a violência sexual, treze (13) jovens afirmaram vivenciar esta forma de violência, representando um total de 32,5%. Esse percentual encontrado está em

*artigo proveniente de trabalho de conclusão de curso

consonância também com os estudos de com os estudos de Graham *et al*¹⁶ e Kisa e Zeyneloglu¹⁸ que apontam que no meio universitário a vivência da violência sexual é comum e pode variar entre 14,1% a 40%. Acrescido a essa realidade, doze (12) dos casos foram precedidos violência física ou psicológica. Situação corroborada com estudo realizado na Coreia do Sul, quando aponta que essa forma de violência pode ser precedida pela violência psicológica ou física¹⁵.

Ademais, nossos resultados corroboram com o estudo de Echeverria²⁰, realizado em diversos estados do Brasil com universitárias, que quando revela que as mulheres jovens frequentemente vivenciam a violência psicológica, seguido pela violência física e a violência sexual.

Destaca-se que os nossos resultados revelaram que 29 participantes referiram terem sido xingadas e caluniadas pelos namorados, que é considerado violência moral. Esse percentual corresponde a 72,5% do total de entrevistadas. Essa situação certamente repercute na saúde mental e na autoestima das mulheres. Entretanto, estudo realizado nos Estados Unidos aponta índices baixos, entre 11% a 27% para a vivência dessa forma de violência em relacionamentos de namoro¹⁶.

Outro estudo brasileiro¹⁴ realizado Universidade Federal de Goiás reforçam nossos resultados quando apontam que a difamação, esteve presente em 83% dos casos. Situação que evidencia que a violência moral está frequentemente presente nas relações de namoro.

Quanto a violência patrimonial, duas participantes afirmaram que a vivenciaram em relacionamentos de namoro. Ressalta-se que no estudo de Souza, Pascoaleto e Mendonça¹⁴ apenas 2% dos participantes afirmaram terem vivenciado essa forma de violência. No entanto, no mesmo estudo foi identificado que 68,1% das entrevistadas tiveram seus objetos pessoais destruídos, ou seja, elas não tinham conhecimento sobre a especificidade da legislação vigente. Nesse contexto, Pereira *et al.*¹¹ reforça que a violência patrimonial é desconhecida como uma das formas de violência de gênero, pela maior parte da população e por conta disso, há um número baixo de denúncias e ações penais.

Ressalta-se que todas as formas de violência de gênero perpetradas por parceiro íntimo apresentadas nesse estudo, repercutiram na saúde das jovens, especialmente na saúde sexual e reprodutiva que foi amplamente afetada, tendo como consequências alterações ginecológicas.

Os desdobramentos na saúde sexual foram observados, como alterações no ciclo menstrual, a dispareunia e a falta de libido. Sobre as disfunções sexuais, Souza *et al.*²¹ ratifica que mulheres que vivenciam ou vivenciaram o estupro nos relacionamentos, podem apresentar transtornos sexuais tais como: “insatisfação sexual, perda de prazer, medo e dor, sintomas que podem permanecer após anos da violência”²¹, corroborando assim com os nossos resultados.

Os resultados revelaram que as entrevistadas vivenciaram a violência sexual, pela recusa do uso do preservativo pelo parceiro. As mulheres em situação de VPI, possuem uma dificuldade em negociar a prática do preservativo, uma vez que vivemos em sociedade no qual o homem é o dominador no relacionamento, e muitas vezes, isentado de responsabilidade de utilização do mesmo e das consequências negativas da não utilização, como a gravidez indesejada e/ou contrair alguma ISTs.

Essa situação é sustentada pelo senso comum do amor romântico e submisso pelas mulheres, além de trazer a luz da relação à questão da confiança e fidelidade pautada em relacionamentos de namoro²²⁻²³⁻²⁴. Situação que revela o risco das mulheres no que tange a saúde sexual e reprodutiva.

Nessa perspectiva, no que tange as repercussões negativas na saúde reprodutiva das jovens que vivenciam a violência nas relações de namoro podem ser: a gravidez indesejada, as complicações na gravidez, os abortos inseguros e o planejamento reprodutivo pela coerção do parceiro íntimo²⁵. Destaca-se que em nossos resultados as participantes negaram gravidez ou o aborto referiram um episódio

Os resultados foram contundentes em apontar a coerção de alguns parceiros para que as jovens usassem drogas abortivas ou evitassem a gravidez, representando uma violência psicológica, como a atitude abusiva e dominadora, que repercutiu negativamente na saúde das mulheres. Além disso, houve o abandono do parceiro à uma delas, e a ameaça de levá-la para a realização de um aborto inseguro, caso fosse confirmado a gravidez. Essa situação representa uma atitude cruel, que pode ser configura uma violação de direito humanos, em observância da limitação a autonomia e a integridade da jovem, possibilitando um desfecho nefasto.

Nesse sentido, Silva e Leite²⁶ apontam em sua pesquisa que as violências psicológicas e/ou sexuais vivenciadas pela mulher faz com que em muitas vezes, ela se exponha ao aborto inseguro, devido as ameaças e outras agressões vivenciadas pelo parceiro. O estudo ressalta ainda, que mulheres que sofrem coerção sexual possuem propensão à realização de um maior número de abortos ao longo da vida.

7. CONCLUSÃO

Os resultados do estudo revelaram que entre os jovens a uma tendência a naturalização das formas de violência nas relações de namoro, que fogem a forma física, por muitos a única forma conhecida. As violências psicológica e moral se destacaram constantemente nas falas, mas não foram reconhecidas como um ato violento e sim, de cuidado e amor.

Já a violência sexual revelou o machismo perpetuado na sociedade, onde foi revelado que a mulher necessita satisfazer os desejos sexuais masculinos. A violência patrimonial constituiu-se como a forma menos conhecida de agressão, e por isso é menos denunciada.

Todas as formas de violência de gênero vivenciada pelas entrevistadas impactaram negativamente na saúde das jovens universitárias, especialmente na saúde sexual e reprodutiva, mas que constantemente foram imperceptíveis.

Este estudo evidencia a real necessidade de desconstruir mitos e estereótipos acerca de gênero e sexualidade desde a infância, ou seja, ao longo dos anos escolares até a universidade, há necessidade de desconstruir os paradigmas de uma sociedade patriarcal promovendo uma cultura de paz entre homens e mulheres para que convivam sem desigualdades de poder onde a visão da mulher é a de subjugação.

Deste modo, faz-se necessário implementar e divulgar estratégias de prevenção da violência no namoro visando a proteção da saúde integral das jovens universitárias.

8. REFERÊNCIAS:

1. Organização Mundial Da Saúde (OMS) [Internet]. Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence. Genebra: Who Press, 2013. 57 p. Available from: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/85239/9789241564625_e

*artigo proveniente de trabalho de conclusão de curso

- ng.pdf;jsessionid=B30E115E56CD0B70C7C944165D0C4004?sequence=1>.
[Acesso em: 05 set. 2019].
2. BRASIL, Lei nº 11.340/2006, de 07 de agosto de 2006. Brasília, 07 de agosto de 2006; [Internet] disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm [Acesso em: 05 set. 2019]
 3. Garcia L, Silva G. Violência por parceiro íntimo: perfil dos atendimentos em serviços de urgência e emergência nas capitais dos estados brasileiros, 2014. Cadernos de Saúde Pública. [Internet] 2018;34(4). FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00062317>. [Acesso em 01 Maio 2021].
 4. Teixeira S, Moura M, Silva L, Queiroz A, Souza K, Albuquerque Netto L. Intimate partner violence against pregnant women: the environment according to Levine's nursing theory. Revista da Escola de Enfermagem da USP. [Internet] 2015;49(6):882-889. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v49n6/pt_0080-6234-reeusp-49-06-0882.pdf>. [Acesso em 01 Maio 2021].
 5. Ministério da saúde (BR). Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher. [Internet] Brasília: Ministério da Saúde, 2004. [Acesso em 01 Maio 2021]
 6. Souza T, Pascoaleto T, Mendonça N. Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. Revista Psicologia e Saúde. [Internet] 2018;:31-43. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v10n3/v10n3a04.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2019. [Acesso em 01 Maio 2021]
 7. RIBEIRO, FM L et al. Entre o 'ficar' e o namorar: relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, MCS; ASSIS, SG; NJAINE, K. Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. [Internet] Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. Cap. 3. p. 54-86. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/4c6bv>>. [Acesso em 01 Maio 2021]
 8. Murta S, Santos B, Martins C, De Oliveira B. Prevenção primária à violência no namoro: uma revisão de literatura. [Internet] Contextos Clínicos. 2013;6(2). Disponível em: <http://sosnamoro.geppsvida.com.br/wp-content/uploads/2017/10/Dating_violence_primary_prevention_A_literature-review.pdf>. [Acesso em 01 Maio 2021].
 9. Organização Pan-Americana Da Saúde (OPAS). Folha informativa - Violência contra as mulheres. [Internet] (Brasil). 2017. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820. [Acesso em 01 Maio 2021]
 10. Andrade TA, Lima AO. Violência e namoro na adolescência: uma revisão de literatura. [Internet] Periódicos eletrônicos em psicologia [Internet]. 2018 [cited 11 May 2021];(19). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822018000200003&lng=pt&nrm=iso. [Acesso em 01 Maio 2021]
 11. Pereira RBR, *et al.*. O fenômeno da violência patrimonial contra a mulher: percepções das vítimas. Revista Brasileira de Economia Doméstica [Internet]. 2013 [cited 11 May 2021];24(1):207-236. Disponível em:

<https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/13801/1/89-674-2-PB.pdf>.
[Acesso em 01 Maio 2021]

12. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2016
13. BRASIL, lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018. Brasília, DF, 24 de setembro de 2018. [Internet] Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm [Acesso em 01 Maio 2021]
14. Souza T, Pascoaleto T, Mendonça N. Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. Revista Psicologia e Saúde. [Internet] 2018;:31-43. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2018000300004&lng=pt&nrm=iso>. [Acesso em 01 Maio 2021]
15. Kim Y, Lee E, Lee H. Sexual Double Standard, Dating Violence Recognition, and Sexual Assertiveness among University Students in South Korea. Asian Nursing Research. [Internet] 2019;13(1):47-52. Available from: [https://www.asian-nursingresearch.com/article/S1976-1317\(18\)30268-8/fulltext](https://www.asian-nursingresearch.com/article/S1976-1317(18)30268-8/fulltext). [access on 01 May 2021].
16. Graham L, Jensen T, Givens A, Bowen G, Rizo C. Intimate Partner Violence Among Same-Sex Couples in College: A Propensity Score Analysis. Journal of Interpersonal Violence. [Internet] 2016;34(8):1583-1610. Available from <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0886260516651628?rfr_dat=cr_pub%3Dpubmed&url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori%3Arid%3Acrossref.org&journalCode=jiva > [access on 01 May 2021]
17. OLLEN, E. et al. "Sexual Minority College Students' Perceptions on Dating Violence and Sexual Assault." Journal of Counseling Psychology [Internet] 2017, Vol. 64, No. 1, 112-119. Available from <<https://psycnet.apa.org/record/2016-55598-001>> [access on 01 May 2021]
18. KISA, S; ZEYNELOĞLU, S. "Perceptions and predictors of dating violence among nursing and midwifery students: A cross sectional study from Turkey. Journal of Advanced Nursing." [Internet] 75. 10.1111/jan.13982. Available from <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jan.13982>> [access on 01 May 2021]
19. MILLER et al. "Male Adolescents' Gender Attitudes and Violence: Implications for Youth Violence Prevention." American journal of preventive medicine [Internet] vol. 58,3 (2020): 396-406. Available from <[https://www.ajpmonline.org/article/S0749-3797\(19\)30474-X/fulltext](https://www.ajpmonline.org/article/S0749-3797(19)30474-X/fulltext)> [access on 01 May 2021].
20. Echeverria G. A Violência Psicológica Contra a Mulher: Reconhecimento e Visibilidade. Cadernos de Gênero e Diversidade. [Internet] 2018;4(1):131. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/25651/15672>. [Acesso em 01 Maio 2021]
21. Souza F, Drezett J, Meirelles A, Ramos D. Aspectos psicológicos de mulheres que sofrem violência sexual. [Internet] Reprodução & Climatério.

- 2012;27(3):98-103. Available from:
<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S141320871300006X#:~:text=As%20v%C3%ADtimas%20geralmente%20apresentam%20maior,limitam%20a%20qualidade%20de%20vida>. [Acesso em 01 Maio 2021]
22. Stefanini, J R *et al.* Violência por parceiro íntimo em mulheres que vivem com hiv: revisão integrativa. [Internet] **Perspectivas em Psicologia**, Uberlândia, v. 23, n. 2, p. 197-212, dez. 2019. [Acesso em 01 Maio 2021]
23. Guimarães D, Oliveira V, Silva L, Oliveira C, Lima R, Gama C. Dificuldades de utilização do preservativo masculino entre homens e mulheres: uma experiência de rodas de conversa. [Internet] **Estudos de Psicologia**. 2020;. Available from:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2019000100003&lng=pt&nrm=iso>. [Acesso em 01 Maio 2021]
24. Organização Mundial da Saúde (OMS). **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência**. [Internet] Genebra, Suíça, 2012. 95 p. Available from:
https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350/9789275716359_por.pdf;jsessionid=4C4362. [Acesso em 01 Maio 2021]
25. Cruz M, Irffi G. Qual o efeito da violência contra a mulher brasileira na autopercepção da saúde?. [Internet] **Ciência & Saúde Coletiva**. 2019; 24(7): 2531-2542. Available from:
<https://www.scielosp.org/article/csc/2019.v24n7/2531-2542/>. [Acesso em 01 Maio 2021].
26. Silva R, Leite F. Violências por parceiro íntimo na gestação. **Revista de Saúde Pública**. [Internet] 2020; 54:97.. Available from:
https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102020000100274&script=sci_arttext&tlng=pt. [Acesso em 01 Maio 2021]

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VIOLÊNCIA NO NAMORO: REPERCUSSÕES NA SAÚDE DE MULHERES JOVENS UNIVERSITÁRIAS

Pesquisador: Selma Villas Boas Teixeira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 89333918.0.0000.5285

Instituição Proponente: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.708.911

Apresentação do Projeto:

Estudo exploratório sobre as consequências da violência no namoro para a saúde das mulheres universitárias.

Objetivo da Pesquisa:

Descrever o perfil sociodemográfico das mulheres jovens universitárias que vivenciam a violência no namoro; identificar as formas de violência vivenciada pelas jovens nas relações de namoro; discutir as repercussões na saúde física, mental, sexual, reprodutiva e analisar o seu enfrentamento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e benefícios adequadamente informados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo social e academicamente relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos adequados.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Endereço: Av. Pasteur, 296

Bairro: Urca

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2542-7796

E-mail: cep.unirio09@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - CCBS

Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - EEAP

Departamento de Enfermagem em Saúde Pública - DESP

Disciplina: Seminário de Pesquisa II – SP II

Profª Responsável: Adriana Lemos

1/2021

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO TCC/ARTIGO

TÍTULO: Repercussões da violência no namoro na saúde sexual e reprodutiva de mulheres jovens universitárias.

AUTOR: Tathiana Guedes Barbosa

ORIENTADOR: Profª drª Selma Villas Boas Teixeira

ITENS	VALOR	NOTAS	OBSERVAÇÕES
Resumo (Conteúdo/Forma) - Opcional em outra língua	0,5		
Relevância temática/metodológica	2,5		
Resultados e Discussões	2,5		
Considerações Finais/ Recomendações para Enfermagem	1,5		
Referência bibliográfica/ Adequação ao formato da Revista	1,0		
Apresentação escrita, Linguagem científica/Objetividade	2,0		
TOTAL	10		

SUGESTÕES:

Rio de Janeiro, ____/____/____

Avaliador(a)